

Autora: MARCONDES, Léa Rocha Lima e,

Título: **A educação escolar confessional evangélica e sua contribuição no cenário brasileiro**

Publicação: XXII Congresso Anual da Soter - Congresso Internacional de Estudos da Religião, cujo tema será: “Religião, Ciência e Tecnologia”, 6 a 9 de julho de 2009.

Eixo: Religião e Educação: Ensino Religioso

Categoria: Igrejas evangélicas - artigo

## **Resumo**

O presente artigo tem por finalidade iniciar uma discussão sobre a relação do ensino nas igrejas evangélicas no Brasil e o seu envolvimento com as questões do Ensino Religioso escolar. Tece considerações sobre o atual panorama educacional nas igrejas evangélicas, apontando algumas áreas de dificuldades no processo educacional. Apresenta uma breve leitura histórica da inserção das igrejas evangélicas no país para compreender melhor a sua influência na educação tanto do ponto de vista da igreja quanto da escola. Pretende descrever os fatos que levaram ao surgimento na Europa das chamadas igrejas históricas evangélicas, tais como presbiteriana, metodista, luterana e batista e a chegada de cada uma delas no Brasil. Discorre sobre os dois tipos de missões feitas no país, o protestantismo de missão e o protestantismo de conversão, seus objetivos, formas de atuação e o diálogo entre a igreja e sociedade no lugar em que estavam inseridos. Faz uma reflexão sobre a contribuição das igrejas evangélicas no desenvolvimento da educação brasileira ao longo do tempo.

Palavras-chave: educação confessional, igrejas evangélicas, evangélicos no Brasil

## **O movimento evangélico no Brasil**

O Brasil nas últimas décadas deixou de ser visto como um país católico. O crescente movimento do pluralismo religioso contempla as crenças e tradições religiosas das diversas culturas aqui existentes e concretiza o surgimento de várias igrejas cristãs, muitas delas vindas de outros países e outras surgidas aqui no Brasil. Uma parcela da população brasileira desapontada com a igreja institucional, parece abandonar o catolicismo e aderir com simpatia às igrejas cristãs evangélicas das mais variadas denominações. Cabe salientar, que no Brasil o termo *evangélico* é genérico para todos os cristãos que não são católicos, não importando a sua denominação. Para se compreender os posicionamentos atuais da igreja evangélica diante da educação, tanto dentro dela mesma, quanto nas escolas, é necessário discorrer brevemente sobre o ensino no meio evangélico, origens e visão de educação. Num segundo momento, buscar as origens históricas de algumas denominações e sua inserção no contexto brasileiro para entender a tecitura *igreja evangélica/ensino escolar/visão de educação* construída no Brasil desde o seu descobrimento em 1500.

### **O ensino nas igrejas evangélicas: percurso histórico e momento atual**

O caminho histórico do Ensino Religioso nas escolas confessionais evangélicas no Brasil se cruza o tempo todo com o ensino doutrinário das igrejas evangélicas. Não se pode negar a forte influência de um sobre outro. A grande maioria das igrejas evangélicas trabalha com o ensino bíblico e doutrinário nas EBDs (Escola Bíblica Dominical), sendo este um espaço privilegiado. Hoje o ensino bíblico e doutrinário tem sido também trabalhados em outros espaços além das EBDs: grupos nas casas e institutos.

Nas últimas duas décadas houve um crescimento de grupos de estudo nos lares durante a semana chamados de *células* ou *grupo familiar* ou *grupo de comunhão (koinonia)*. Nestes encontros semanais as pessoas são sempre as mesmas por um determinado tempo (um ano ou mais) liderados por um facilitador. São grupos que não passam de dez a quinze pessoas. Quando eles chegam num número maior que isto, o grupo se multiplica sendo indicado um novo facilitador e as pessoas se redistribuem em dois novos grupos. Dois fatores implicam nesta estratégia: um deles é o tamanho das residências atuais que não comportam número grande de pessoas e outro fator se refere a facilidade para compartilhar e conversar num grupo menor. Os relacionamentos se aprofundam mais rapidamente.

A finalidade dos estudos nos lares é incentivar maior aproximação na relação com Deus, aprofundar a troca de experiências da vida cristã e promover um maior relacionamentos entre as

pessoas. Na maioria das igrejas é abordado o tema que foi exposto na pregação do domingo e discutido sobre sua prática na vida de cada um. Esta estratégia tem sido eficaz na multiplicação quantitativa e qualitativa da igreja.

Nos últimos 10 anos surgiu uma tendência em várias denominações evangélicas de trabalhar os estudos bíblicos, doutrina e temas específicos através de institutos criados pela própria igreja. Eles tem a intenção de preparar mais profundamente aqueles que trabalham nos diversos ministérios da igreja e também proporcionar aos seus membros a possibilidade de ampliar seu conhecimento e vivência bíblica.

O espaço dos grupos nos lares já está bem consolidado num grande numero de igrejas locais e denominações e os institutos estão começando a ganhar mais direcionamento. Mas ainda hoje é muito forte o conceito de EBDs em todas as denominações evangélicas devido o seu espaço privilegiado de ensino bíblico. O termo "Escola Dominical" foi primeiramente usado pelo jornalista episcopal Robert Raikes, na Inglaterra, a partir de 1780, quando começou a oferecer instrução rudimentar para crianças pobres de sua cidade Gloucester em seu único dia livre da semana: domingo, pela manhã e à tarde, pois a maioria mesmo tendo pouca idade já trabalhava durante a semana. Juntamente com o ensino religioso, Raikes ministrava-lhes várias matérias seculares: a língua materna - o inglês, leitura, escrita, aritmética, instrução moral e cívica, história, dando início à Escola Dominical, não exatamente no modelo que temos hoje, mas como escola de instrução popular gratuita, o que veio a ser a precursora do moderno sistema de ensino público. Mal sabia Raikes que estava lançando os fundamentos de uma obra espiritual que atravessaria os séculos e abarcaria o globo, chegando até nós, a ponto de ter hoje dezenas de milhões de alunos e professores, sendo a maior e mais poderosa agência de ensino da Palavra de Deus de que a Igreja dispõe. A Escola Dominical do nosso tempo não é a mesma do britânico inicial, mas do tipo de escola que surgiu na América do Norte muito tempo depois oferecendo um conteúdo curricular bíblico não mais objetivando prioritariamente a aprendizagem da leitura e da escrita de seus alunos e sim o conhecimento bíblico, a edificação espiritual, o discipulado, a integração e a evangelização. ([www.escoladominical.com.br](http://www.escoladominical.com.br))

A prática da Escola Dominical foi trazida pela primeira vez ao Brasil por missionários americanos que vieram trabalhar aqui no início do século XIX. Em 1836 O Rev. Justin Spaulding, da Igreja Metodista, organiza no Rio de Janeiro, entre estrangeiros, uma congregação com cerca de 40 pessoas e em junho abre uma Escola Dominical com 30 alunos, dos quais alguns eram brasileiros, ensinados na sua própria língua. As reuniões de Escola Dominical antes de 1855, no Rio de Janeiro eram de caráter interno entre os membros da comunidade americana e no idioma inglês. Os missionários escoceses Robert e Sara Kalley são considerados os fundadores da Escola Dominical no Brasil. ([www.escoladominical.com.br](http://www.escoladominical.com.br))

A grande maioria dos materiais didáticos específicos para Escolas Dominicais evangélicas veio dos Estados Unidos com os missionários, foram traduzidos e relativamente adaptados à nossa cultura. A Escola Dominical acontece, na maioria das igrejas evangélicas, no domingo pela manhã num período de cerca de duas horas onde os membros e visitantes são distribuídos em classes de acordo com a faixa etária ou grupo de interesse: crianças (0 a 12 anos), adolescentes (12 a 15 anos), jovens (15 a 25 anos), casais, senhoras, senhores, crescimento, evangelismo, etc. As crianças são distribuídas em classes por faixa etária (0-2, 2-4, 4-6, 6-9, 9-12) mais para facilitar o trabalho do que propriamente por questões pedagógicas ou de aprendizagem. O trabalho com as crianças nas igrejas evangélicas sempre foi muito forte, atraente e com programações diversificadas tanto no período letivo escolar quanto no período das férias escolares.

Do ponto de vista de Marcondes (2005), as igrejas evangélicas, de um modo geral, têm uma visão semelhante sobre o que é educação. Quando se fala em educação na igreja, ela se refere principalmente à Escola Dominical e mais especificamente às classes das crianças e adolescentes (de aproximadamente 2 anos até cerca de 15 anos). Quanto às outras atividades que acontecem na igreja: classe de jovens e adultos, grupos de casais, encontros e até o próprio culto não são vistos como fazendo parte do processo educacional da instituição, mas sim como atividades da igreja. Segundo Marcondes (2005), não há compreensão real do que seja educação no sentido mais amplo do termo e muito menos que ela acontece em qualquer faixa etária e em outras atividades fora da Escola Dominical infanto juvenil. Nos últimos anos, educadores cristãos tem apontado a necessidade da igreja repensar a sua prática educacional, tanto nas questões pedagógicas quanto de materiais didáticos mais apropriados e contextualizados.

### **A relação das igrejas evangélicas com a escola brasileira**

A história do processo da escolarização brasileira conta com forte influência dos evangélicos, suas igrejas e denominações desde o início do século XIX. A imigração trouxe ao país muitas famílias, missionários e pastores que fundaram escolas nas regiões onde viviam. Independente do fato de virem ao Brasil para construir suas vidas ou como missionários, a criação do espaço escolar para atender suas necessidades cresceu juntamente com o crescimento da educação brasileira. Em muitas regiões do país as escolas evangélicas se tornaram uma referência para a sociedade em que estavam inseridas. Iniciaram pequenas, com ciclo básico e se tornaram universidades, como por exemplo a Mackenzie em São Paulo.

Algumas escolas evangélicas brasileiras tem hoje mais de 100 anos de atuação onde estão inseridas. Inicialmente vinculadas à sua igreja fundadora, com o crescimento tornaram-se autônomas, mas não se desvincularam de sua confessionalidade. A igreja foi gradativamente se

afastando de seu papel de mantenedora e direção. As escolas evangélicas mantinham a disciplina de Religião, ou Educação Religiosa, como era chamada, com forte ênfase no ensino de sua confessionalidade. Nos últimos 50 anos o papel maior da igreja com a escola foi enviar pessoas, para lecionar a disciplina do Ensino Religioso. Normalmente estes professores eram pastores ou missionários especialistas no trabalho infantil que trabalharam por muitos anos tanto nas escolas confessionais quanto nas escolas do governo. Muitas escolas mantinham um momento devocional uma vez por semana. Com o advento das LDBs e do PCNER na década de 90, também aconteceram mudanças no Ensino Religioso das escolas confessionais. As exigências de professores qualificados na área afastaram das salas de aula muitos pastores e professores “missionários” que não preenchiam as necessidades apontadas pela lei. Deu-se início a uma corrida dos professores cristãos - pedagogos, filósofos e pastores - ao processo de qualificação em graduações e pós graduações para poderem atuar na disciplina de Ensino Religioso atual. Mas ainda é pequena esta busca em relação a demanda escolar.

Na última década do século passado também houve um crescimento significativo, em todo o território nacional, do número de escolas cristãs que atuam com Educação por Princípios, que tem por definição:

Conforme apresentada por Rosalie J. Slater (The Principle Approach - F.A.C.E. - Foundation for American Christian Education, EUA), que definiu e estruturou essa abordagem, Educação por Princípios é "um método cristão histórico de raciocínio bíblico, que faz das verdades da Palavra de Deus a base de cada assunto no currículo escolar". Entendemos educação em seu sentido amplo como o processo de transmitir à próxima geração conhecimento e valores que a capacitem a uma participação construtiva na sociedade. Educar uma criança é trabalhar em um projeto de vida, o que compete primordialmente aos pais, como responsáveis diretos pelos resultados. (<http://aecep.com.br>)

A AECEP (Associação de Escolas Cristãs por Princípios) tem promovido congressos, capacitações, literatura, formação de educadores, supervisão e orientações para a formação de uma escola por princípios. A AECEP tem escolas e educadores associados em todo o território nacional. No material pedagógico, literatura e orientações oferecidos pela associação percebe-se que a base deste ensino não está vinculada a uma denominação, mas sim vinculada a princípios bíblicos cristãos podendo ser utilizada por escolas evangélicas de qualquer denominação. Hoje existem várias outras associações de escolas confessionais que oferecem formação, apoio e preparo para as escolas filiadas.

### **Construção da matriz teológica brasileira**

Para ampliar a compreensão do cenário da relação escola/igreja, é necessário levantar questões históricas acerca da formação da igreja chamada hoje de evangélica, seus fundamentos e caminhos até chegar ao Brasil. É importante também conhecer as formas de sua inserção no

contexto brasileiro. Assim pode-se fazer uma leitura mais ampla da igreja atual e suas necessidades.

## **Rupturas e nascimentos**

O protestantismo surgiu na Europa, no Séc. XVI fruto do descontentamento de Martin Luther (Martinho Lutero) com a hierarquia da Igreja Católica e rapidamente se estabeleceu em todos os continentes. Ao escrever noventa e cinco teses que criticavam as “virtudes das indulgências” vendidas para favorecer a reconstrução do templo de São Pedro em Roma, dá-se início a discussões sobre o papel da igreja e formas de atuação social que levam ao rompimento com a igreja matriz. Lutero viu este tráfico de indulgências como um abuso que poderia confundir as pessoas e levá-las a confiar apenas nas indulgências, deixando de lado a confissão e o arrependimento verdadeiros.

As teses de Lutero, contra a igreja católica, difundiram-se rapidamente pela Alemanha. Roma descontente com a posição de Lutero pede dele retratação, o qual se nega e longe de se submeter às imposições da igreja, organizou um movimento de protesto e reforma da igreja que culminou com seu rompimento definitivo com o catolicismo e o início da igreja mais tarde chamada de luterana. Suas doutrinas centrais constituem as grandes afirmações do protestantismo: autoridade soberana da Bíblia, justificação pela fé e sacerdócio universal dos crentes. Prega a doutrina dos dois reinos, Espiritual e Temporal, acentuando a autonomia do temporal.

No mesmo período do século XVI ocorrem simultaneamente em diferentes países europeus vários outros movimentos questionando a doutrina católica. O presbiterianismo tem origem na reforma proposta por Lutero. Concomitantemente uma segunda manifestação acontecia no Cantão de Zurique, na Suíça, sob a direção de outro ex-sacerdote, Ulrico Zuínglio (1484-1531). Esse novo movimento ficou conhecido como a Segunda Reforma ou Reforma Suíça. Após a morte de Zuínglio em 1531, surge Calvino (1509-1564) na França que se destaca dos outros por sua inteligência, dotes literários, capacidade de organização e profundidade teológica. Através da sua obra magna, a Instituição da Religião Cristã ou Institutas, comentários bíblicos, tratados e outros escritos, Calvino traçou os contornos básicos do presbiterianismo, tanto em termos teológicos quanto organizacionais, à luz das Escrituras Sagradas. O conjunto de convicções presbiterianas, propostas por Calvino é denominado teologia calvinista ou teologia reformada. O nome “igreja presbiteriana” vem da maneira como a igreja é administrada, ou seja, através de “presbíteros” eleitos democraticamente pelas comunidades locais.

Nem todos os movimentos comungavam da mesma doutrina, assim em 1529, aconteceu em Marburgo, o primeiro colóquio teológico dos protestantes. Subsistem os desacordos e os protestantes não conseguiram criar um terreno de entendimento. Assim, desde o seu nascimento o protestantismo já vivencia a sua pluralidade. Existem amplos pontos comuns em seus fundamentos,

mas basta apenas uma divergência para não se conseguir estabelecer uma Igreja Protestante única face à Igreja Católica Romana.

No século XVII, em 1608, um grupo de dissidentes ingleses, liderados pelo inglês John Smyth e Thomas Helwys, desapontados pelas decisões políticas tomadas pelos reis que controlavam a igreja estabelecida e de alguns pontos doutrinários da Igreja Anglicana, foram para a Holanda em busca de liberdade religiosa e organizaram a primeira igreja batista. A aproximação destes dois líderes com os menonitas e examinando a Bíblia creram na necessidade de batizar-se com consciência, em seguida batizaram os demais fundadores da igreja nascendo assim a primeira igreja batista organizada (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Batistas>). Pregavam o batismo por imersão na idade adulta e o liga a profissão pessoal da fé. Só por volta de 1642 os batistas adotaram oficialmente essa prática tornando-se comum depois a todos os batistas.

Em 1631, Roger Williams, por causa das opiniões separatistas e a dissensão com a Igreja Anglicana migrou para Boston, EUA, e também entrando em conflito com a igreja local foi exilado em 1635 e estabelece-se em Rhode Island onde funda em 1638 a primeira Igreja Batista nas Américas. Pela distância e sua situação as igrejas começaram a divergir nas práticas e doutrinas, foram se separando cada vez mais umas das outras e ficando independentes. Embora tenham diferenças e diversidades, são ao mesmo tempo todos batistas, unidos pela prática do congregacionalismo como forma de governo da Igreja e pelo batismo de adultos sob profissão de fé como forma de entrada na Igreja.

Mais tarde, no século XVIII em 1730, na Inglaterra, John e Carlos Wesley, William Morgan e Bob Kirkham, que originalmente pertenciam a Igreja Anglicana Episcopal, iniciam grupos de estudos que um tempo depois passariam a ser chamados de metodistas. Wesley pretendia promover a “religião do coração”, insistia na necessidade de cada indivíduo passar pela experiência da conversão e de mostrar o seu “novo nascimento” através de uma progressiva santificação. Receberam o nome de Metodistas por levarem seus conhecimentos, aos órfãos, aos presos, cuidarem dos pobres e idosos com muita disciplina e método. Era um movimento essencialmente educativo que propunha a reforma da Igreja e da Nação pelo ensino. Inicia-se pela construção de capelas que serão escolas e escolas que serão capelas. Wesley acreditava na aprendizagem como um processo de educação permanente e contínuo com o objetivo imediato de “reformular o caráter e a vida dos homens” e também que a doutrina cristã não era compatível com o analfabetismo. Ele dava prioridade à educação, à formação de seus pregadores e à instrução do povo metodista. Todas as atividades, as pregações, os sacramentos, os cânticos, as reuniões dos grupos, conferências e obras escritas tinham fins educativos e pedagógicos.

Nos séculos XVII e XVIII, as missões protestantes expandiram-se. Essa expansão é favorecida pelos efeitos da revolução industrial nascente, pelos inícios do segundo período de

colonização e pelo movimento de ressurgimento religioso que se difunde em várias Igrejas Protestantes. Criam-se sociedades e conselhos missionários: a Missão Batista (1792), a sociedade das Missões de Londres (1795), a Sociedade Neerlandesa das Missões (1795), o Conselho Americano das Missões (1810), a Sociedade das Missões de Basileia (1815), a Sociedade das Missões Evangélicas de Paris (1822), (Deluneau 1997). Este fato foi decisivo para a chegada dos protestantes ao Brasil.

No Brasil ocorreu dois tipos de missões protestantes: o protestantismo de imigração e o protestantismo de conversão. Entender esses dois tipos de missões é de suma importância para a compreensão da influência dos protestantes no processo de escolarização de nosso país (Marcondes, 2004).

### **Protestantismo de Imigração**

O protestantismo de imigração surge com famílias e grupos vindos da Europa, Estados Unidos e Inglaterra com o intuito de reconstruir suas vidas e fixar residência no novo país.

Os primeiros protestantes calvinistas que chegaram ao Brasil na Baía da Guanabara no final de 1555 foi um grupo de franceses liderados por Nicolas Durand de Villegagnon. Um ano e meio mais tarde Calvino envia, a pedido de Villegagnon, um grupo de colonos e pastores reformados e em 10 de março de 1557 realizam o primeiro culto protestante no país e talvez no Novo Mundo. Mas os grupos entraram em discórdia teológica fazendo com que eles se dispersassem. Só em meados do século XVII, por meio dos holandeses no Nordeste, o calvinismo retorna ao Brasil. Nesta época a igreja oficial da colônia era a Igreja Reformada da Holanda que fez grandes obras pastorais e missionárias naquela região. Davam assistência aos colonos europeus, trabalhavam com pregação e com ensino. Quando os holandeses foram expulsos do Nordeste, as igrejas nativas extinguiram-se e por um século e meio desapareceram os vestígios do calvinismo no Brasil.

No início do século XIX começam a chegar evangélicos novamente no Brasil com grupos metodistas norte-americanos e ingleses instalando-se no interior de São Paulo a partir de 1810. Instalavam “capelães”, e procuravam formar comunidades religiosas com intuito de também, preservar seus costumes, tradições e sua língua fundavam escolas para atender estas famílias. A alfabetização de seus filhos era de fundamental importância, pois eles deveriam aprender a ler a Bíblia para manter sua fé. Então sua alfabetização era feita através da tradição religiosa.

Os primeiros grupos europeus luteranos chegaram em 1824 nos estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os imigrantes estrangeiros, principalmente alemães, traziam consigo o protestantismo luterano como doutrina, arraigado em seus hábitos e costumes e em sua vida



cotidiana. O luteranismo, o ramo original da Reforma protestante iniciada por Lutero, só então chegava ao Brasil.

Os primeiros imigrantes alemães, vindos no período entre 1824 e 1864, eram assistidos religiosamente por leigos no papel de pastores. Em 1886, as igrejas da Alemanha passaram a enviar pastores para os diferentes pontos da colonização, os quais fundaram a Igreja Evangélica Alemã do Brasil.

A preocupação desses imigrantes era a preservação da cultura e da fé. Por isso, foram criadas escolas, não oficiais, para atenderem a necessidade de preservação de seus costumes e de sua doutrina. As crianças eram alfabetizadas e ensinadas através da leitura da Bíblia, em sua língua original, para manter os costumes e tradições. Neste período, os imigrantes não tinham permissão para freqüentarem as escolas do Império. Deste modo os imigrantes ficavam no seu próprio “gueto” o que dificultava a sua inserção com o povo brasileiro da região onde moravam. As escolas normalmente funcionavam nas dependências da igreja e aos domingos as famílias se encontravam para realizar seus cultos.

### **Protestantismo de Conversão ou Missionário**

O protestantismo missionário tinha como objetivo primordial a evangelização dos brasileiros. Chegaram ao Brasil em meados do Séc. XIX, missionários norte-americanos trazendo consigo diversas denominações do protestantismo histórico: os presbiterianos em 1827 com a fundação da primeira comunidade protestante no Rio de Janeiro, os metodistas em 1837 no interior de São Paulo, os batistas em 1860, e também os episcopais/anglicanos em 1889.

A dinâmica do protestantismo de conversão é a preocupação de “evangelizar” os seguidores e as lideranças do país. Então, quanto maior o número de brasileiros seguidores de sua doutrina, maior é sua expressividade no país.

Por razões econômicas e diplomáticas o Império, que adotou a religião católica como religião oficial, se viu obrigado a facilitar a entrada de outras igrejas cristãs vindas dos países desenvolvidos. A consequência quase imediata da chegada dessas denominações religiosas foi a formação de congregações e igrejas protestantes com forte inclinação proselitista.

Foram os missionários protestantes de conversão, que influenciaram, diretamente na escolarização brasileira, devido seus interesses estarem voltados a propagação religiosa de suas denominações e dos interesses econômicos dos liberais norte-americanos que financiavam essas missões. Praticamente todas as denominações evangélicas tem o foco na educação seja dentro da igreja através das Escolas Bíblicas Dominicais (EBDs) ou pela criação de núcleos escolares com o intuito de propagação do evangelho através da escola.

Neste contexto as escolas eram construídas para esta finalidade, estando vinculadas à sua confessionalidade, mas não necessariamente nas dependências da igreja. O foco maior não era manter tradições étnicas, mas sim educar os alunos no cristianismo e influenciar suas famílias. Com o passar do tempo, as escolas foram assumindo e organizando seu papel educacional com mais clareza influenciados pelas leis educacionais vigentes. O papel da igreja, desta forma, ficou mais voltado para o ensino doutrinário.

### **O movimento das denominações no Brasil**

A colonização evangélica no Brasil tem suas raízes na matriz teológica americana, calvinista, e também tem fortes influências da matriz teológica alemã, luterana. Os missionários norte-americanos que vieram no século XIX têm suas raízes no protestantismo britânico de teologia calvinista. Em 1824 chegam os primeiros luteranos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em 1827 chegam os presbiterianos no Rio de Janeiro, em 1837 chegam os metodistas no estado de São Paulo, em 1860 os batistas também no estado de São Paulo.

#### **Luteranos**

Surge no Brasil, em 1824, com a chegada das primeiras famílias de imigrantes alemães no Sul do país (RS e SC), que se instalam em cidades do interior formando novas pequenas vilas. Os imigrantes alemães, preocupados em manter sua cultura, a língua e as tradições religiosas e na busca de que as futuras gerações não perdessem a etnia, fundam as primeiras escolas confessionais luteranas na região. A construção e instalação da escola era a primeira tarefa da formação da comunidade. A escola tinha o objetivo de alfabetizar seus filhos, ensinar o alemão e educá-los de acordo com fé luterana.

Nas escolas falava-se só o alemão, o ensino baseava-se na metodologia de sua terra natal. Todos os materiais utilizados para ensinar eram importados da Alemanha. Os conteúdos trabalhados eram a leitura, escrita, cálculos, desenho, canto, educação física e era dado grande ênfase ao ensino religioso.

Na cidade de Campo Bom - RS, no ano de 1828, foi construído o primeiro prédio que servia tanto para escola como para lugar de oração onde aconteciam os cultos. O prédio abrigava também a residência do pastor responsável pela comunidade. O pastor trabalhava como professor na escola, reforçando a ligação entre comunidade/escola, pastor/ professor.

No intuito de manter as tradições, criaram redes e associações de ensino com a finalidade de organizar e manter as escolas, os professores e suas demais concepções culturais, pois não recebiam

nenhum incentivo do governo.

O início do Estado Novo e os debates em torno da educação trouxeram instabilidade ao contexto escolar luterano. Com a nacionalização do ensino das escolas particulares, a língua oficial do país era obrigatória nos bancos escolares, a língua estrangeira foi proibida no espaço escolar. Os materiais didáticos eram escritos em português e o conteúdo voltado ao contexto brasileiro. Os professores não podiam mais ser estrangeiros e as escolas precisavam regulamentar seus registros de acordo com as leis do país.

Ocorreu a introdução das disciplinas de Português, História do Brasil e Instrução Cívica lecionados por brasileiros. As publicações em língua estrangeira só podiam entrar nas escolas com a permissão do Conselho de Imigração e Colonização e registrados no Ministério da Justiça. Apesar de todas as proibições o Sínodo conseguiu preservar o Ensino Religioso na língua alemã. Estas mudanças oficializaram as escolas luteranas no cenário brasileiro, como instituições de ensino particular. Modifica-se o papel e as responsabilidades destas escolas, frente ao contexto educacional brasileiro. Também neste período, as escolas foram obrigadas a mudar seus os nomes alemães para nomes brasileiros, alterar seu corpo docente, seus currículos, sua organização interna e várias outras adaptações tiveram que ser efetuadas para que essas escolas pudessem funcionar. Muitas delas foram obrigadas a fechar, pois não conseguiram cumprir às exigências impostas pelo governo.

### **Presbiterianos**

Após a chegada da família real em 1808 o protestantismo se estabelece definitivamente no Brasil. Muitos imigrantes franceses, suíços e alemães, pertencentes à igreja reformada, se estabeleceram no Brasil. Em 1827, por iniciativa do cônsul da Prússia, foi fundada no Rio de Janeiro a Comunidade Protestante Alemã-Francesa, que congregava luteranos e calvinistas.

O pioneirismo e o desprendimento trazem o Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867), nascido em West Hanover, na Pensilvânia, para o Brasil. Dois meses após a sua ordenação, embarcou para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859, aos 26 anos de idade. Faz seu primeiro culto em português no ano de 1860 e em 1862 funda a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, funda também o primeiro periódico evangélico - Imprensa Evangélica, em 1864, em 1865 cria o Presbitério do Rio de Janeiro e em 1867 organizou um seminário.

### **Metodistas**

No Brasil, o metodismo chegou em 1837, trazido por missionários norte-americanos, a princípio com o intuito de evangelizar e cristianizar os brasileiros. Mas, no campo da educação, escolas Metodistas, surgiram na década de 1860, principalmente no Oeste paulista. A presença de missionários norte-americanos tornou possível a instalação de escolas para os filhos de imigrantes

protestantes.

Entre 1861 e 1869, seis autorizações do Império foram outorgadas para os Metodistas, permitindo-os a instalarem instituições particulares de ensino, em São Paulo – Capital da província, na cidade de Campinas e na cidade de Piracicaba. A educação é parte integrante da Missão da Igreja Metodista. Através dela, a Igreja procurou democratizar a educação, defendendo a escolarização para todo o povo, baseado nos princípios liberais franceses, defendiam a liberdade, a solidariedade e a igualdade. Isto acontece em três níveis: educação cristã, educação teológica e educação secular. Para atingir o objetivo deste ministério, necessitavam de uma formação adequada e de qualidade envolvendo os educadores e educadoras. Significa então, que além da formação acadêmica, os professores necessitavam conhecer as raízes da proposta educacional metodista:

A educação secular, na perspectiva da Igreja Metodista, é o processo que visa oferecer à pessoa e à comunidade uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo e questionando os sistemas de dominações e morte, à luz do Reino de Deus. (Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista) ([www.cogeime.org.br](http://www.cogeime.org.br))

## **Batistas**

Os primeiros batistas que chegaram ao Brasil vindos do sul dos Estados Unidos após a Guerra de Secessão, formaram igrejas sem objetivos missionários, mas com o intuito de reconstruir suas vidas com seu estilo próprio de religião. As primeiras igrejas batistas que vieram neste cenário histórico eram do perfil do “protestantismo de imigração”.

No contexto brasileiro as primeiras confissões batistas provem dos líderes da primeira Igreja Batista, John Smyth com um documento escrito em 1609 e Thomas Helwys que escreve outro documento em 1610. A confissão de New Hampshire vinda dos EUA foi adotada como declaração doutrinária pela Convenção Batista Brasileira, numa versão ampliada e reestruturada.

Chegaram também batistas missionários com o intuito de evangelização que fundaram escolas com este objetivo. Thomas Jefferson Bowen foi o primeiro missionário batista a ser enviado ao Brasil em 1860. Richard Ratcliff era discípulo de Bowen e foi o organizador da Primeira Igreja Batista no Brasil, à 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara, Estado de São Paulo. Antonio Teixeira de Albuquerque foi o primeiro brasileiro a tornar-se pastor batista. Seu batismo e sua consagração ao Ministério ocorreram no "Terceiro domingo de junho de 1880" com as duas primeiras igrejas batistas, em Santa Bárbara, São Paulo.

Segundo Reis Pereira (1985) os motivos pelos quais os pioneiros desejavam abrir escolas, e que devem ser mantidos pelos Colégios Batistas do Brasil, eram :

- 1- Queriam dar aos filhos de crentes oportunidades educacionais;
- 2- Procuravam romper preconceitos e atrair simpatias;

3- Queriam evangelizar. Este era o mais importante motivo.

No relatório apresentado a Convenção de 1956 pelo educador Alberto Mazoni Andrade, citando Pereira (1985), comenta:

Aquilo que pode chamar-se “educação batista” é, na verdade, a educação tal como os batistas a pretendem ministrar, tendo em vista o superior interesse da evangelização. Introduce-se assim o conceito de educação em geral, ao mesmo tempo, uma motivação – a evangelização – e um objetivo ou um sentido – o preparar o homem integralmente para a vida, na sua acepção mais ampla ... deveria: (1) mostrar, pela alta qualidade do ensino ministrado, que a firmeza e solidez das nossas convicções religiosas não ficam aquém da firmeza e da solidez do nosso ensino intelectual e (2) deveria fazer todo o ensino moral, a partir da Bíblia, criando, assim, na própria mentalidade do descrente, o sentimento de que a Bíblia é “uma lâmpada para os pés e uma luz para o caminho”. (Pereira, 1985)

### **Caminhos brasileiros**

No século XX outra leva de missionários de diversas denominações chega ao Brasil vindas dos Estados Unidos. Segundo Caldas (2001) uma característica relevante do protestantismo norte-americano está em seu caráter divisional no que tange à articulação entre fé pessoal e ação social. Este pensamento ainda repercute fortemente em alguns grupos evangélicos do Brasil.

As duas principais correntes teológicas destes missionários são o fundamentalismo e o pentecostalismo. A teologia fundamentalista gera uma prática de alienação sócio-política que de certa forma caracteriza boa parte das igrejas evangélicas brasileiras cabendo a elas apenas a pregação do Evangelho. Ainda hoje o povo evangélico do Brasil vive as influências deste pensamento dicotômico do Evangelho. O pentecostalismo brasileiro tem também raízes estrangeiras. Gunnar Vingren e Daniel Berg, suecos que moravam em Chicago, chegaram em Belém do Pará em novembro de 1910 e fundaram as hoje chamadas Assembléias de Deus (Marcondes, 2005).

A Assembléia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil são do início do século XX e a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Nova Vida, são das décadas de 50/60. As igrejas pentecostais mais recentes surgidas por cisão destas primeiras são chamadas de neo-pentecostais (Caldas, 2001).

No século XX, principalmente na sua segunda metade, alguns segmentos da igreja evangélica do país, começam a repensar e rever a missão da igreja brasileira e timidamente iniciam projetos sócio-políticos. Segundo Caldas (2001) a teologia não se atém apenas à questão espiritual. A crença de cada indivíduo influencia todas as esferas de sua vida, para melhor ou para pior. A teologia abrange todos os aspectos da vida, incluindo o dos relacionamentos humanos, que

representam a esfera social.

### **Reflexões e preocupações**

Olhando o processo de escolarização no Brasil do ponto de vista da construção histórica até os dias de hoje, percebe-se movimentos bem distintos. Na chegada dos evangélicos, as igrejas investiram no espaço escolar para atender seus filhos e evangelizar. Com o passar do tempo e as obrigações legais que as escolas necessitavam seguir, provocou o afastamento da influência da igreja sobre elas. A igreja foi se distanciando gradativamente da educação secular, sendo que muitas delas hoje não tem escolas ou vínculo com alguma escola e também não sabem o que acontece na educação escolar na área do Ensino Religioso. Este distanciamento da igreja conseqüentemente gerou um afastamento dos acontecimentos legais da caminhada que o Ensino Religioso tem feito nas últimas décadas.

De modo geral ignora-se a proposta do PCNER e as leis referentes ao Ensino Religioso especificamente. A igreja evangélica não tem participado de forma significativa nos debates acontecidos nos fóruns e assembléias com o intuito de contribuir na busca de soluções para os problemas na área do Ensino Religioso escolar. Ela tem sido omissa nos seus posicionamentos diante das leis e diretrizes para o Ensino Religioso. Tem se preocupado mais com o seu reduto eclesiástico do que com sua contribuição à sociedade nesta área. Percebe-se falas mais individuais de pastores e educadores do que coletivas sobre este assunto. Do ponto de vista da autora, as igrejas evangélicas necessitam tomar consciência dos acontecimentos e encaminhamentos do Ensino Religioso, do PCNER e das leis referentes a esta área. Mesmo não se envolvendo diretamente com o Ensino Religioso escolar, ela precisa saber o que acontece nesta área, pois recebe crianças, adolescentes e jovens que freqüentam escolas públicas ou particulares que tem esta disciplina em sua grade curricular.

A proposta atual do PCNER trabalha com uma leitura antropológico-sociológica das religiões e com o diálogo inter-religioso devido o pluralismo religioso e a diversidade cultural de nosso país. A Constituição brasileira garante “*o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedadas quaisquer tipos ou formas de proselitismo*”. Às escolas públicas é vedado o proselitismo e às escolas particulares confessionais pode-se assumir sua confessionalidade. O que se percebe no cenário do Ensino Religioso é a falta de educadores cristãos preparados com o conhecimento básico sobre o fenômeno religioso e o papel das tradições religiosas no contexto sociocultural brasileiro. Nesta década tem sido criado em faculdades teológicas evangélicas cursos específicos de pós graduação para suprir esta necessidade.

Outra dificuldade observada pela pesquisadora se refere a capacidade da criança, do adolescente e do jovem em compreender a leitura antropológico-sociológica das religiões sem fazer

confusão na sua questão religiosa particular. Uma vez que uma grande parte das famílias não assume a educação religiosa de seus filhos devidamente, deixam esta responsabilidade para as igrejas ou escolas confessionais com o intuito de que seus filhos aprendam os princípios propostos por ela, seus valores e assim possam definir a sua escolha religiosa.

Com este cenário da família e do Ensino Religioso, cabe à igreja investir mais no preparo doutrinário famílias com orientações específicas para estas trabalharem vida cristã de seus filhos e também investir mais consistentemente na vida das crianças, adolescentes e jovens para dar base sólida à sua fé. Mas para que isto aconteça, é necessário que a igreja tome conhecimento do que eles aprendem nas escolas. A igreja só poderá fazer orientações específicas a partir do seu conhecimento acerca destas questões escolares. As convicções de fé e doutrina das crianças, adolescentes e jovens uma vez estabelecidas e definidas, a sua exposição à diversidade religiosa e a leitura antropológica do Ensino Religioso será enriquecedora para sua espiritualidade pois poderá compreender o fenômeno religioso a partir de sua matriz de fé. As famílias poderão acompanhar com mais clareza e dialogar com seus filhos questões de posicionamentos de sua fé, diferenças, compreender melhor os seus rituais e tradição gerando um fortalecimento de sua fé.

A igreja, juntamente com outras instituições educacionais, tais como família, escola e sociedade, tem o papel fundamental de auxiliar o homem no seu desenvolvimento integral preparando-o para ser capaz de falar e agir baseado em razão e argumentação legítimas, de forma a poder corresponder as demandas sociais, culturais, econômicas e éticas do seu meio social. A autora acredita que é necessário um investimento maior na conscientização da igreja na área da educação para que ela possa contribuir de forma significativa nas questões escolares, não só na área do Ensino Religioso, mas também na formação integral dos alunos ensinando valores e princípios de vida e cidadania. E que a escola também possa contribuir na educação que acontece nas igrejas com visão de educação mais ampliada, orientações pedagógicas e metodológicas que favoreçam e fortaleçam o ensino bíblico oferecido por elas. Desta forma igreja e escola teriam condições de promover contribuições enriquecedoras e mais consistentes uma à outra.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. MEC, **Leis de Diretrizes de Base da Educação Nacional – Lei 9.394/96**. São Paulo, Saraiva,1996.

\_\_\_\_\_. **Leis de Diretrizes de Base da Educação Nacional – Lei 9.475/97 Da Nova Redação ao Artigo 33 da Lei nº 9.394/96 que estabelece as Diretrizes de Base da Educação Nacional**, Brasília, D.O.U.,1997.

CALDAS, Carlos. **O último missionário – os missionários estrangeiros estão deixando o Brasil. Qual a perspectiva para a nova liderança evangélica?** São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Regional Sul III. **Referencial para o Ensino Religioso Escolar.** Ed. Vozes, 1996.

DELUMEAU, Jean. **As Grandes Religiões do Mundo.** Trad. Pedro Tamen. Lisboa / Portugal: Editora Presença, 1999. p. 182-197/ 705-735.

FIGUEIREDO, A. **Ensino Religioso no Brasil: tendências, conquistas e perspectiva.** Petrópolis, Vozes, 1996.

HEWITT, Martin, D. **Raízes da Tradição Batista.** IEPG, Série Ensaio e Monografias, São Leopoldo, RS, 1993.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e; SEEHABER, Liliana C. **A identidade do ensino religioso, do rito cristão na história da educação brasileira.** Revista Educação em Movimento, Curitiba, v. 3, n. 9, p.17-28, set./dez. 2004.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e, **A formação de professores em educação cristã: uma leitura a partir da experiência com a Abordagem Relacional,** 2005, 145 f, Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, do Paraná, Curitiba, 2005.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e, TORQUATO, Rosane Andrade, **Educação religiosa cristã em espaços eclesiais evangélicos: leitura, desafios e perspectivas,** IV Seminário de Religião e Sociedade, Curitiba, 2007.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil.** Trad. Celso Rodrigues Filho. Juiz de Fora/São Bernardo do Campo, EDITEO Editora, 1994.

NISKIER, A O. **Educação Brasileira: 500 anos de história. 1500 – 2000.** São Paulo, SP: Melhoramentos 1989.

PCNER – **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso.** São Paulo, SP: Ed. Ave Maria 3ª edição, 1997.

PEREIRA, J. Reis. **História dos Batistas no Brasil – 1882-1982,** Juerp, 1985.

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil.** São Paulo: Vozes, 1997.

STRECK, Gisela I.W. **Ensino Religiosos com Adolescentes em escolas confessionais luteranas**



da IECLB. 2000. 336 p. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia – IECLB – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação – IEPG, São Leopoldo, RS, set.2000.

**SITES PESQUISADOS:**

[www.aecep.com.br](http://www.aecep.com.br)

[www.aneb.org.br](http://www.aneb.org.br)

[www.cogeime.org.br](http://www.cogeime.org.br)

[www.educaçãoluterano.com.br](http://www.educaçãoluterano.com.br)

[www.escoladominical.com.br](http://www.escoladominical.com.br)

[www.ipb.org.br](http://www.ipb.org.br)

[www.metodista.com.br](http://www.metodista.com.br)

[www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

[www.pt.wikipedia.org/wiki/Anabaptistas](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Anabaptistas)

[www.pt.wikipedia.org/wiki/Batistas](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Batistas)